

Credores só fecham acordo após Constituinte

Roberto Garcia

Correspondente

WASHINGTON — O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, revelou que, em conversas mantidas recentemente, os bancos credores informaram ao Brasil que não têm pressa em negociar um acordo definitivo para a renegociação da dívida, pois aguardam o resultado da Constituinte e os rumos que a nova carta dará ao país. Bresser Pereira porém advertiu os bancos a “irem com calma” em suas contrapropostas e pressões na negociação da dívida externa, afirmando que “não podemos fazer um acordo rápido, correndo só para agradar os banqueiros”, numa referência às notícias de que os credores poderão exigir um pagamento simbólico imediato dos juros para negociar qualquer acordo.

Dessa forma, o ministro demonstrou sua determinação de negociar com as propostas, prazos e táticas baseadas nos interesses brasileiros, em vez de subordiná-las às que forem impostas pelos credores. Tanto ele como seus assessores pareciam estar com a impressão de que bancos e governos credores tentaram nos últimos dias “dar um aperto” na equipe econômica brasileira e resolveram contra-atacar.

O ministro da Fazenda ressaltou que está empenhado em conseguir para o Brasil termos melhores do que os obtidos pelo México, Filipinas e Argentina em negociações com seus credores internacionais neste ano. “Estive em contato

com os ministros de todos esses países e verifiquei que eles estão profundamente insatisfeitos”, acrescentou Bresser. Ele disse que “para conseguir isso vamos ter que conversar por muito tempo. Que ninguém imagine que sexta-feira a gente vai fechar as negociações”. Depois de amanhã, negociadores do país deverão reunir-se com o comitê de bancos a fim de avançar as discussões sobre a proposta brasileira de reescalonamento. Nessa oportunidade, os bancos deverão apresentar sua própria contraproposta.

Bresser afirmou que continua empenhado em transformar parte da dívida em títulos, por mais resistência que essa proposta esteja causando entre os credores.

— Nossa proposta de conversão da dívida em títulos é uma coisa importante, vai representar uma nova etapa na história da dívida. Através dos títulos e da conversão da dívida em capital, uma complementando a outra, nós podemos ir reduzindo a dívida. No sistema antigo, que é capitalizar juros, só se faz aumentar a dívida. Fica um processo sem fim de aumento da dívida e de renegociações.

Perguntado sobre a situação dos bancos japoneses, que precisariam tomar uma decisão em relação aos seus empréstimos brasileiros em virtude da moratória, Bresser minimizou o problema e não mostrou qualquer disposição de abrir exceção na posição negociadora para aliviar os credores daquele país. “O único banco afetado nisso é o Banco de Tóquio. Temos grande simpatia pelos bancos ja-

poneses, mas infelizmente não podemos fazer nada”, disse ele.

Ao mesmo tempo em que insistia nas posições brasileiras, o ministro brasileiro deu sinais de flexibilidade. “Acho normal que apresentem contraproposta. É certo que não vão concordar com toda nossa proposta. Nós estamos dispostos a negociar, qualquer negociação implica em concessão dos dois lados”.

Questionado a respeito do anúncio do Citibank, segundo o qual os bancos brasileiros vão apresentar uma contraproposta para a negociação da dívida, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, mostrou até mais irritação do que Bresser. “É um direito que eles têm, mas não seria a iniciativa mais construtiva. Melhor seria que explicitassem o que gostam e o que não gostam de nossa proposta e abrir a discussão desses pontos”. Milliet disse que se os bancos deixarem de discutir o documento brasileiro para apresentar o seu próprio, “teremos duas propostas e aí teremos que trabalhar examinando o espaço que separa uma da outra”.

O presidente do Banco Central advertiu para “a informação e a contra-informação, a criação de expectativas e o intimidamento” que está sendo tentado por parte de alguns bancos e governos credores a fim de impressionar o governo brasileiro e forçar concessões na mesa de negociações. “Talvez fosse desejável que isso não ocorresse mas a gente sabe que isso é velho como o mundo e faz parte do jogo”, afirmou.